

LITERATURA E SOCIEDADE: O MACROSSISTEMA LITERÁRIO AFRICANO

LITERATURE AND SOCIETY: THE AFRICAN LITERARY MACROSYSTEM

Adilson Vagner de Oliveira¹

Eloah da Silva Ramos Magalhães²

Thiago Camillo Souza de Paula³

RESUMO

Como se compõe o macrossistema literário africano contemporâneo? Diante dessa questão de pesquisa, este trabalho visa explicar a concepção de sistema literário e suas limitações na aplicação aos países africanos. A partir do método de literatura comparada, abordam-se 25 obras ficcionais de Angola, Moçambique, Nigéria, Quênia, Argélia, Ruanda e África do Sul como *corpus* de análise investigativa. Os núcleos de argumentação apontam que a) conceber a literatura africana pela perspectiva conceitual de macrossistema nos parece mais adequado do que sistemas literários nacionais independentes, mesmo que isso possa prejudicar a compreensão sobre o processo de construção identitária nacional; b) a literatura pós-colonial retroalimenta esse macrossistema artístico, na medida em que a estratégia decolonial se configura como o principal mecanismo discursivo modernista do romance africano ao longo dos séculos XX e XXI; c) o compartilhamento da mesma língua europeia de divulgação do romance africano parece ser insuficiente para se pensar sistemas e macrossistemas literários.

Palavras-chave: Sistema literário; África; Macrossistema; Ficção.

ABSTRACT

How is the contemporary African literary macrosystem composed? In light of this research question, this paper aims to explain the concept of literary system and its limitations in its application to African countries. Using the comparative literature method, 25 fictional works from Angola, Mozambique, Nigeria, Kenya, Algeria, Rwanda and South Africa are approached as a *corpus* for investigative analysis. The

¹ Doutor em Ciência Política. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Tangará da Serra. Coordenador do grupo de pesquisa: Literatura Africana: História, Política e Sociedade.

E-mail: adilson.oliveira@ifmt.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0051805857596935> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3880-3565>

² Bolsista de Iniciação Científica do Grupo de Pesquisa: Literatura Africana: História, Política e Sociedade, do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Tangará da Serra. E-mail: eloahsrmagalhaes@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação Científica do Grupo de Pesquisa: Literatura Africana: História, Política e Sociedade, do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Tangará da Serra. E-mail: thiagocamillo2502@gmail.com

argumentation cores indicate that a) conceiving African literature from the conceptual perspective of macrosystem seems more appropriate to us than independent national literary systems, even if this may hinder the understanding of the process of national identity construction; b) postcolonial literature feeds back into this artistic macrosystem, to the extent that the decolonial strategy is configured as the main modernist discursive mechanism of the African novel throughout the 20th and 21st centuries; c) sharing the same European language for disseminating the African novel seems to be insufficient to think about literary systems and macrosystems.

Keywords: Literary System; Africa; Macrosystem; Fiction.

Introdução

Com o aumento das publicações da literatura africana pós-colonial, houve a consolidação de um sistema literário integrado e autônomo que pode ser concebido como um macrossistema próprio, com particularidades estruturais, temáticas e representativas, com o intuito de romper com o silenciamento histórico produzido pelo colonialismo europeu. Assim, surgiu a necessidade de mostrar ao mundo suas ânsias e angústias em relação ao período colonial. Nesse contexto, as literaturas brasileira e africana compartilham de um passado em comum de colonização, resistência e reformulação discursiva. A herança compartilhada tem sido marcada por processos políticos e culturais de apagamento dos movimentos de afirmação cultural. A partir desse entendimento, o artigo propõe uma reflexão, por meio do método comparado, sobre os conceitos de sistema literário e macrossistema para verificar sua capacidade de adaptação à literatura africana.

Com a ampliação dos espaços de fala do sujeito colonizado, ao poder agora se manifestar política e artisticamente, esta discussão acerca da forma com que os modelos literários africanos se manifestam surge como um ponto relevante que deve ser dado a devida importância, em decorrência da necessidade imperativa de compreender o lado dos povos que foram oprimidos durante a escrita da história. Ao pluralizar as narrativas e romper com a ideia de uma narrativa subalternizada, constrói-se um discurso que se afasta da visão eurocêntrica e se abre espaço para discutir como as opressões sistêmicas foram rejeitadas ou incorporadas na formação das narrativas pós-coloniais.

Dessa forma, compreender os processos de transformação, gerados pela dinâmica entre culturas hegemônicas e subalternas, permite observar impactos significativos na sociedade desses países, refletidos em diversas formas de arte,

especialmente na literatura. No entanto, a análise do artigo parte do pressuposto de que, estruturalmente, a relação entre países colonizados se estreita a partir de processos históricos semelhantes, e com o desenvolvimento assimétrico dos sistemas literários nacionais do continente africano, que muitas vezes carecem de um público leitor expressivo, o que dá origem a uma nova forma de sistema literário, em que a recepção das obras pode ocorrer majoritariamente fora do país de origem.

Com o fortalecimento das narrativas pós-coloniais, o modernismo ocidental adquire uma nova perspectiva. A partir dessa mudança, torna-se essencial a reavaliação das estratégias do modernismo africano, ao revelar o surgimento de um complexo movimento literário com características próprias de enfrentamento à visão eurocêntrica de narrar. Diante desse contexto, o modernismo global aproxima-se do modernismo africano na medida em que ambos propõem inovações estruturais e temáticas, ao mesmo tempo em que buscam representar processos coletivos de construção de identidades nacionais historicamente desconsideradas pelo colonialismo.

A literatura africana em sua concepção modernista e contemporânea passa por mudanças radicais que, por si só, traçam um panorama das discussões relevantes no campo político e artístico. Inicialmente, abordam-se os conceitos de sistema literário enquanto um conjunto de obras ligadas por denominadores comuns. No caso africano, o colonialismo, as lutas pela libertação colonial e as guerras civis amparam os conflitos entre tradição e modernidade, com fortes tendências contemporâneas às discussões sobre gênero, violência e racismo. Em seguida, o texto problematiza o conceito de macrossistema literário para se pensar o *status* atual da literatura africana, pontuando as semelhanças estruturais nas quais a crítica pós-colonial contribui na formação de denominadores comuns entre a arte e a literatura do continente.

Sistemas literários e macrossistemas

Os estudos sobre sistemas literários no Brasil e na África Lusófona se direcionam às discussões sobre manifestações literárias e o processo de formação das literaturas nacionais (Candido, 2010; Abdala Junior, 2007; Chaves, 2005; Moraes, 2010). Trata-se de reflexões edificantes para se pensar o amadurecimento da produção cultural de vários países que passaram pela experiência colonial e permitem um diálogo intercultural.

O marco referencial voltado para as literaturas de língua portuguesa pode servir como base para se construírem abordagens teóricas também para discutir as literaturas africanas contemporâneas, uma vez que o princípio de solidariedade entre os fenômenos coloniais no Brasil e na África se tornam muito significativos quando produções ficcionais de Angola, Moçambique, Nigéria, Argélia, Ruanda e da África do Sul passam a compartilhar um intertexto histórico e cultural que permite a utilização dos procedimentos metodológicos e críticos para interagir com a estética literária do continente africano.

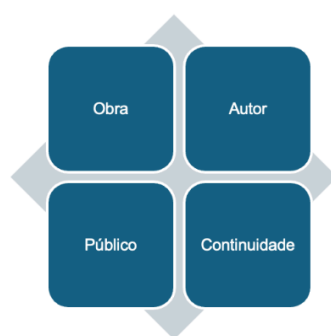
Para Santos (2010), a crítica pós-colonial deve ser compreendida como um conjunto de correntes teóricas e analíticas que priorizam as relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação e compreensão do mundo contemporâneo. As ferramentas de domínio e conquista do discurso epistêmico permitem a produção estrutural de pensamentos a partir da experiência comum do colonialismo. Dessa maneira, a organização do pensamento decolonial se defronta com o modelo histórico do conhecimento-regulação, marcado pela trajetória e pela perspectiva antagônica do caos e da ordem, o primeiro por caracterizar todo o material cultural e intelectual dos povos colonizados e a segundo, como um elemento de ordenação do pensamento mundial e da racionalidade fortemente eurocêntrica. Enquanto o conhecimento-emancipação compreende essa trajetória pelo paralelo da ignorância concebida como colonialismo e o saber produzido por esses territórios como solidariedade, uma vez que as nações colonialistas se recusam em reconhecer e validar a conhecimento do outro, o colonizado.

Por isso, a crítica pós-colonial do Sul global pode servir como práxis solidária para conceber aproximações nas abordagens teóricas ao lidar com fenômenos históricos interculturais da mesma natureza, ou seja, a produção de conhecimento-emancipação, do qual as literaturas africanas se expressam na contemporaneidade.

Na obra *Formação da literatura brasileira* (1965), Antonio Candido investigou as principais transformações na consolidação da produção artístico-literária do Brasil, tomando como definição o termo literatura, como um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase” (Candido, 1965, p. 25), em detrimento às manifestações literárias. Para Moraes (2010), questões relacionadas aos denominadores comuns que constituem um sistema literário

de fato podem ser articuladas a partir de elementos internos, como língua, temas e imagens partilhadas e/ou imaginadas coletivamente e também por elementos externos fundamentais para a materialização dessa articulação, tais como: a) um conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel; b) um conjunto de receptores das obras; c) o mecanismo transmissor, compreendido como uma linguagem passível de ser moldada por estilos culturais e de época, além do quarto elemento d) a continuidade do processo. “A literatura propriamente dita” exigirá forças políticas, mercadológicas e culturais de manutenção e retroalimentação do sistema, permitindo o surgimento de marcas de consolidação também econômicas do processo.

Figura 1 - Sistema Literário



Fonte: Adaptado de Candido (2010)

A questão mercadológica passa despercebida pela teorização de Antonio Candido, mas deve ser considerada um elemento estruturante para que produtores culturais se consolidem em seus países e fora dele, e torna-se também um elemento fundamental para se conceber as literaturas africanas, pois, em determinados contextos, a formação do sistema literário nacional ocorre em solidariedade cultural com outros países próximos linguisticamente. O caso da literatura de Moçambique pode ser exemplar nessa discussão, seus escritores e escritoras produzem com regularidade

almejando também o mercado brasileiro e português, simultaneamente ao público nacional. Desse modo, todos os mecanismos criativos de seus autores passam pelo princípio de recepção e solidariedade com outros mercados que compartilham do mesmo idioma de publicação. Fenômeno este que pode também ocorrer com países francófonos e anglófonos do continente africano, uma vez que a produção literária em outras línguas nacionais pode não ser mercadologicamente viável aos escritores.

Nessa perspectiva, a arte e a literatura, “como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” (Candido, 1965, p. 25), se constroem por meio desses “elementos de contato” que no caso africano se mostra evidente pela experiência colonial, fazendo com que “o sistema de comunicação inter-humana” seja estruturado pela dimensão transnacional decorrente também da utilização mútua do idioma ou pela proximidade histórica colonial, mas sempre intercultural.

Antonio Candido (1965) teorizou sobre a passagem de um momento marcado por manifestações literárias para uma literatura de fato brasileira, enquanto um “sistema autônomo”. Portanto, somente no século XIX, o Brasil passou a contar com uma literatura orgânica, coerente e baseada na construção da identidade nacional (Moraes, 2010), ou seja, a consciência nacional no seu conjunto de produtores e receptores se aglutina num projeto fixo, contínuo e coerente, assim caracterizado enquanto sistema.

Ao empreender uma iniciante conceituação sobre as literaturas de Angola e Moçambique, Chaves (2005) propõe um exercício menos complexo para conceber literaturas nacionais na África, resgatando o caráter muito recente do continente e a sua necessidade de se contrapor à literatura colonial. Portanto, o sistema literário africano estava pautado no compromisso de desconstruir o discurso colonial ainda predominante nas produções artísticas europeias, visto que romances, filmes e documentários ainda são constantemente produzidos sobre os países africanos a partir de uma estética colonial em busca de um exotismo, tribalismo e silenciamento das experiências locais dos colonizados. Nas palavras da autora, “o colonialismo deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio” (Chaves, 2005, p. 45). Desse modo, o projeto ético e estético dos escritores

africanos tem sido construir narrativas com o domínio do discurso para falar a partir da experiência africana do colonialismo e não mais pela perspectiva dos colonizadores europeus.

Em 2009, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie já havia chamado a atenção da sociedade global ao proferir a palestra intitulada “Os perigos de uma história única”, na tentativa de sintetizar a abordagem pós-colonial de sua escrita ficcional e o projeto africano de produção de arte e literatura na segunda metade do século XX e início do século XXI. As formas de representação do negro, a compreensão das tradições culturais e religiosas africanas e as paisagens locais passaram a ser produzidas ficcionalmente a fim de se distanciar do exotismo e estereótipos da ideologia colonial (Moraes, 2010).

Santos (2010) apontou a necessidade de se realizar essa revisão da história e da tradição, como passos necessários ao complexo exercício de tradução intercultural, denominada como “hermenêutica diatópica” (Santos, 2010, p. 452). Trata-se de um trabalho de colaboração intercultural na produção de conhecimento, de maneira coletiva, interativa e intersubjetiva, portanto, a literatura deve ser tomada como um interconhecimento pautado em trocas cognitivas e afetivas. Por isso, a literatura pós-colonial possui em sua origem a necessidade de produzir conhecimento autóctone, utilizando-se da releitura e reescrita das histórias locais para se sobrepor ao discurso colonial hegemônico, mesmo depois dos processos de descolonização dos países africanos.

Nesse sentido, a literatura tem participado ativamente da construção de identidades nacionais, elemento basilar da luta contra o colonialismo (Moraes, 2010). Essa seria a premissa principal da constituição dos sistemas literários africanos, a adoção imediata das ferramentas discursivas pós-coloniais, algumas vezes reconstituindo elementos locais e nacionais, outras vezes, revelando a africanidade cultural. Isso aproxima a literatura da Argélia, da Nigéria e de Angola, por exemplo. A preocupação narrativa se orienta muitas vezes em descrever mais o que é ser africano pela perspectiva continental, do que simplesmente caracterizar povos autóctones ou projetos independentes de nação. A construção de nações imaginadas se equilibra sobre propostas de reescrita das histórias da colonização em cada país, em sua estratégia, violência e metodologia.

Em síntese, se seguirmos os princípios de Antonio Candido para definir um sistema literário, talvez, poucos países africanos possam ser enquadrados nessa concepção. Nigéria e África do Sul possuem um conjunto de escritores e leitores conscientes sobre a produção literária nacional, desde que dominem a língua inglesa. Contudo, o número de leitores e obras continuamente produzidas estão profundamente ligadas aos receptores mundiais em língua inglesa, mas a variedade de etnias e línguas nacionais, e índices de alfabetização em cada país podem inviabilizar a definição de sistema literário. Para Moraes (2010), para se caracterizar os sistemas nacionais das literaturas africanas, aceita-se a denominação de “conjunto articulado de obras”, termo cunhado por Rita Chaves (1999) para descrever o conjunto de produções literárias de Angola, visto que as obras articulavam o tema norteador, ou seja, a questão da nação e sua história. Como um processo de retroalimentação, ao produzirem-se discussões em torno da construção de identidades nacionais, ao mesmo tempo organizava-se a interação entre produtores e receptores, fenômeno em que o fortalecimento do caráter nacional se configurava um desdobramento do surgimento de obras e leitores.

A tríade autor-obra-público se construía simultaneamente à construção de sentimentos nacionais de caracterização adjetiva do(s) povo(s) autóctone(s). Ser angolano, ser moçambicano, ser argelino ou ser nigeriano era uma atitude identitária que interagiu com a política e a história local, numa estratégia pós-colonial de dizer de si mesmo e desconstruir o que o discurso colonial disse deles. Esse foi o esquema político-cultural que moldou a construção dos estados nacionais africanos, com suas fissuras e conflitos étnicos do passado e do presente, consequentemente, também nutriu as literaturas nacionais enquanto sistemas articulados de obras.

Devem-se aceitar as transformações na natureza do sistema, dada à persistência da presença colonial nos países africanos – descolonização somente na segunda metade do século XX – o processo de formação do sentimento de nação se efetua em meio à instauração de ditaduras militares, conflitos étnicos e políticas de segregação racial. Territórios de disputas civis, étnicas e ideológicas, considerando a geopolítica mundial da Guerra Fria iniciada no pós-guerra. Por isso, além de lidar com o passado colonial, os Estados recém-independentes também sofriam com a pressão capitalista e socialista dos Estados Unidos e da então, União Soviética. Nesse sentido, como suscitou Rita Chaves (1999), a formação da literatura pós-colonial já configurava instantaneamente

sistemas literários multiculturais e diatópicos, com aproximações estruturais e temáticas entre os vários países africanos. Por isso, nas literaturas africanas, antes da constituição sólida de grupos de escritores, há a afirmação política de nacionalidades e a criação de estratégias de escrita ficcional nessa direção (Moraes, 2010).

Em sua obra *Literatura, história e política* (2007), Benjamin Abdala Junior aborda a forma com que se efetivam os laços de solidariedade entre escritores falantes da mesma língua, neste caso o português, como elemento de aproximação entre os diferentes sistemas literários de Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, em favor da concepção de um macrossistema literário. Dessa maneira, o macrossistema pode ser definido por meio de modos ideológicos de articulação, ao permitir a discussão do caráter artístico do engajamento, do poder de linguagem subjacente ao texto, do circuito comunicativo e das articulações do campo intelectual em nossos países. Desse modo, a interconexão ideológica entre os países de mesma língua auxilia na formação de um macrossistema literário ou um ecossistema cultural.

A produção literária pós-colonial que surge nos países do continente africano pode ser vista com o intuito de distanciar-se da influência ideológica e política do ex-colonizador. Essas literaturas africanas possuem a proposta de se afastarem da cultura do colonizador em favor de um estatuto cultural que seja capaz de demonstrar elementos de diferenciação em relação aos centros hegemônicos do aparato colonial, pois deve ocorrer entre os sistemas nacionais “e o macrossistema que os relaciona uma dialética interno/externo. Para o escritor engajado, essa tensão parece ser correlata à particular/geral dos processos de conhecimento” (Abdala Junior, 2003, p. 113).

Nesse sentido, o Ecossistema Cultural, conceito estabelecido no livro, propõe um diálogo entre diversos países em sua construção cultural, marcada por influências mútuas e constantes misturas, permitindo o surgimento de novas formas culturais híbridas. Parte-se do entendimento de que a cultura não é fixa nem pura, ou seja, nenhuma construção de sociedade é completamente centrada em si mesma, sendo sempre resultado de múltiplas influências históricas e políticas. Nas palavras do autor, “por ecossistema entendemos uma produtiva coexistência contraditória de pedaços de culturas diferentes, em processos contínuos de tensões, interações e mesclagens” (Abdala Junior, 2007, p. 20).

A proposta evidencia como há uma influência mútua na formação das identidades, especialmente entre países que compartilham a mesma língua e processos históricos semelhantes, como a colonização e a descolonização. Diante disso, torna-se evidente a desvalorização de certas culturas em detrimento de outras. A partir dessa assimetria, surge a necessidade de fortalecer conexões entre países com familiaridade histórica, justamente por compartilharem experiências coloniais e pós-coloniais semelhantes. Entretanto, a questão torna-se mais complexa ao se pensar a intertextualidade e a solidariedade entre as produções literárias de uma macrossistema nos moldes de Abdala Junior. Quais seriam os limites de alcance desse ecossistema de interações e mesclagens entre os países e suas obras? A fusão intertextual ocorre unicamente pela língua comum entre os sistemas literários?

A hipótese argumentativa deste trabalho se estabelece exatamente na premissa de que, no contexto africano, a experiência colonial e o processo político de descolonização construíram laços ideológicos, estruturais e estéticos muito mais fortes do que a interação cultural entre países com a mesma língua de colonização. A literatura pós-colonial consolidou conjuntos de obras, autores e receptores que muitas vezes interagem mais entre as nações do que necessariamente em núcleos nacionais isolados. Abdala Junior refletia a metodologia comparada entre os países lusófonos para conceber um ecossistema produtivo ou um macrossistema literário, uma vez que a produção literária de Angola e Moçambique pode estar mais focada no mercado luso-brasileiro do que nas populações locais desses países.

O autor pensava principalmente a dialética cultural entre Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, já que tomar a literatura isolada de Moçambique, por exemplo, para compor uma descrição isolada de sistema literário nacional seguindo os preceitos de Antonio Candido para estabelecer os denominadores comuns de um sistema literário, ou seja, obra, autor e público, poderiam inviabilizar a aplicação do conceito para nações ainda em construção no começo do século XXI.

Para Moraes (2010), de imediato, Abdala Junior não associa a noção de sistema literário à ideia de literatura nacional. Exatamente, por essa dificuldade de conceber a tríade obra, autor e público em países ainda majoritariamente de cultura oral, como alguns países africanos. Por isso, a necessidade de pensar em um macrossistema de literatura engajada em língua portuguesa para se compreender o projeto estético das

literaturas pós-coloniais. Desse modo, a articulação ideológica dessas produções ficcionais permitiu tomar a literatura como instrumento de transformação social, afastando-se da necessidade de criar, de fato, uma consciência nacional, como pensava Antonio Candido (ano?), ao teorizar sobre a literatura brasileira. Assim, o posicionamento político-ideológico das literaturas engajadas pós-coloniais da África faria mais sentido prático do que pensar nacionalismos isolados em países lusófonos, ou mesmo, nos demais territórios africanos.

Nessa perspectiva, o engajamento literário de escritores pós-coloniais na África produziu um cenário de solidariedade político-estética entre seus países com mais profundidade do que com as demais nações que também experimentaram o empreendimento colonial europeu em algum momento de sua história. Hipoteticamente, se deixarmos de lado as literaturas africanas de língua portuguesa com certos intertextos culturais com o Brasil e pensarmos as literaturas anglófonas da Nigéria, Quênia e África do Sul, seria possível pensar um macrossistema literário entre esses países e o Canadá, Austrália e Estados Unidos, também ex-colônias britânicas? Somente a língua em comum e a experiência colonial seriam suficientes para consolidar um macrossistema de literaturas de língua inglesa? Trata-se de questões que surgem mais intensamente quando se comparam as produções literárias de países como Nigéria, Quênia, África do Sul, Argélia, Ruanda, Angola e Moçambique, pois, possuem elementos de aproximação política mais significativos do que o simples compartilhamento das línguas nacionais. O projeto estético pós-colonial de escrita engajada torna-se o marcador estrutural mais importante para se pensar o macrossistema literário.

O romance africano possui um princípio fundamental de buscar reconstruir as histórias locais, a fim de afastar-se dos constructos eurocêntricos do passado colonial. Obras, como *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, *Um grão de trigo*, de Ngugi Wa Thing'o, *Geração da utopia*, de Pepetela, *Meio sol amarelo*, de Chimamanda Adichie, *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, *Os pescadores*, de Chigozie Obiama, *Aké*, de Wole Soyinka, *A arma da casa*, de Nadine Gordimer, *A promessa*, de Damon Galgut, *Baratas*, de Scholastique Mukasonga, compartilham do mesmo projeto estético e político que caracterizam a literatura pós-colonial, portanto, compõem um macrossistema mais consolidado integralmente do que pelas línguas de propagação

mercadológica e suas experiências isoladas de recepção em cada país produtor desses romances.

Os temas como a aproximação colonial, as guerras de libertação, a ascensão de grupos guerrilheiros, os conflitos civis e militares, os combates étnicos, o choque de culturas e tradições, a história política e das religiões, o racismo e a violência colonial, compõem majoritariamente a literatura africana pós-colonial, com pequenos espaços narrativos para o surgimento da voz feminina, como em *Hibisco roxo*, de Chimanda Adichie, *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, *As alegrias da maternidade*, de Buchi Emecheta e *Fique comigo*, de Ayobami Adebayo.

Como pontuou Abdala Junior (2007), a conceituação desse macrossistema de literaturas lusófonas foi mais uma estratégia política para somar forças culturais a fim de fomentar as produções literárias de língua portuguesa no mercado global. E o que se propõe neste texto é a ampliação do conceito de macrossistema e a devida atualização do termo para abordar o romance pós-colonial na África.

A formação do macrossistema pós-colonial: o espaço das ideias modernistas

A crítica pós-colonial tem transformado a nossa compreensão do passado e do presente. As narrativas caracterizadas como modernistas no mundo ocidental podem ser concebidas a partir de uma denominação de constructo eurocêntrico regionalizado, mas tomado como modernismo global, porém, apresenta-se fragmentado nas regiões não-metropolitanas. Contudo, uma reavaliação estrutural da historiografia do modernismo continua ativa e em andamento, pois, não se trata apenas de incluir obras não-ocidentais no cânone mundial, mas repensar os mecanismos de origem, disseminação e interação de ideias modernistas entre os sistemas literários globais (Prakash *et al.*, 2021).

No caso africano, as ideias modernistas globais se alinham com as urgências históricas locais de desconstrução do discurso colonial no romance e das tentativas de fortalecimento de elementos nacionalistas que pudessem agrupar símbolos, línguas e etnias dentro de um mesmo projeto de literatura e cultura nacionais. A literatura pós-colonial africana, enquanto projeto estético e não apenas marcação historiográfica, tem se consolidado mais intensivamente a partir da metade do século XX, conforme davam-se os desdobramentos políticos de descolonização do continente. Trata-se de

umas das principais transformações da arte literária global, aliadas estruturalmente aos movimentos feministas, direitos civis das populações negras e da comunidade LGBT da década de 1960, a narrativa pós-colonial se constrói em meio a tendências de inovação e modernização do texto literário.

Para Gikandi (2015), o romance africano tem utilizado de estratégias modernistas consagradas como o fluxo de consciência, as cronologias múltiplas ou fracionadas, além de subverter a presença da ironia para chamar atenção ao discurso colonial que colonizou também o arcabouço cultural dos povos africanos. Em inúmeros romances africanos, a elaboração narrativa se dá pelo antagonismo discursivo, um embate entre o que costumavam dizer “eles”, os colonizadores e o que dizemos “nós”, os escritores pós-coloniais. Como todo o sistema colonial era baseado no racismo, ou seja, na desumanização dos povos autóctones, sejam os árabes da região do Magreb ou os negros da África Subsaariana, as relações raciais foram o combustível das revoltas políticas nacionalistas e dos projetos culturais inovadores (Barbosa, 2020).

Essa estratégia narrativa do modernismo global se apresenta também em obras de autoria feminina ou de autores e autoras negras, e também nos romances LGBT contemporâneos comuns no mercado editorial, pois buscam também dar voz narrativa aos personagens que costumavam ser objetificados e silenciados pela literatura canônica. Portanto, a literatura pós-colonial africana pode ser considerada um macrossistema político-artístico, na medida em que os elementos de composição ficcional (estruturas e temas) e as estratégias de narração e subversão do discurso colonial se tornam comuns às diferentes nações do continente. Pode-se dizer que o modernismo africano e a literatura pós-colonial estão ligados transitivamente, visto que as inovações literárias estavam direcionadas a rechaçar a literatura colonial e o discurso eurocêntrico que marcou grande parte dos romances e demais manifestações literárias da época. Logo, a reinterpretação da história africana, a desconstrução de estereótipos coloniais e a contestação das narrativas eurocêtricas foram estratégias fundamentais para a composição ficcional das nações africanas e consequentemente, de seu macrossistema literário.

Quadro 1 - Macrossistema Africano: temas e romances*

Temas	Obra	Autor	País
Aproximação Colonial	<i>O mundo se despedaça</i>	Chinua Achebe	Nigéria
	<i>À espera dos bárbaros</i>	J.M. Coetzee	África do Sul
	<i>A gloriosa família</i>	Pepetela	Angola
	<i>O caminho de casa</i>	Yaa Gyasi	Gana
Guerras de Libertação	<i>Terra sonâmbula</i>	Mia Couto	Moçambique
	<i>Geração da utopia</i>	Pepetela	Angola
	<i>O que o dia deve à noite</i>	Yasmina Khadra	Argélia
Guerra Civil	<i>Meiosol amarelo</i>	Chimamanda Adichie	Nigéria
	<i>Feras de lugar algum</i>	Uzodinma Iweala	Nigéria
	<i>Um grão de trigo</i>	Ngugi Wa Thing'o	Quênia
Ascensão de Guerrilheiros	<i>Mzungo</i>	Meja Mwangi	Quênia
	<i>Mayombe</i>	Pepetela	Angola
	<i>Murambi: o livro das ossadas</i>	Boubacar Boris Diop	Senegal/Ruanda
Conflito Étnico	<i>Baratas</i>	Scholastique Mukasonga	Ruanda
	<i>Pequeno país</i>	Gael Faye	Burundi/Ruanda
	<i>Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra</i>	Mia Couto	Moçambique
Tradição e Modernidade	<i>Os pescadores</i>	Chigozie Obioma	Nigéria
	<i>As alegrias da maternidade</i>	Buchi Emecheta	Nigéria
	<i>A arma da casa</i>	Nadime Gordimer	África do Sul
Racismo e Violência	<i>Americanah</i>	Chimamanda Adichie	Nigéria
	<i>A promessa</i>	Damon Galgut	África do Sul
	<i>Desonra</i>	J.M. Coetzee	África do Sul

Gênero	<i>Niketche: uma história de poligamia</i>	Paulina Chiziane	Moçambique
	<i>Fique comigo</i>	Ayobami Adebayo	Nigéria
	<i>Hibisco roxo</i>	Chimamanda Adichie	Nigéria

* A preferência na composição da lista se deu pela disponibilidade da obra em português

Fonte: Elaboração própria

O quadro anterior revela uma conexão temática e estrutural entre os romances africanos de diferentes partes do continente, mesmo considerando a diversidade étnica do território e os diferentes processos de descolonização e nacionalismos, pode-se afirmar que os elementos narrativos se assemelham e se aproximam de maneira substantiva, o que permite a formação de um macrossistema literário em que a estratégia pós-colonial os conecta. Se tomarmos, por exemplo, os romances ambientados na Argélia como *O estrangeiro*, de Albert Camus, ou *O que o dia deve à noite*, de Yasmina Khadra, o preconceito racial contra árabes é igualmente reproduzido nas produções ficcionais da África Subsaariana, apenas sendo substituído por pessoas negras, mas o desprezo do colonizador pelos colonizados africanos tem sido narrado de maneira muito semelhante, seja por Ondjaki, em Angola, Yaa Gyasi, em Gana ou J.M. Coetzee, na África do Sul.

Nessa perspectiva, ao longo do século XX e XXI, este macrossistema literário tem fortalecido estratégias pós-coloniais de narrar as nações e reescrever a história política e cultural do continente. Escritores como Chinua Achebe (Nigéria), J.M. Coetzee (África do Sul) e Pepetela (Angola) contribuíram para a produção de obras que problematizam o choque cultural entre o colonizador europeu e os povos africanos (árabes e negros). Yasmina Khadra (Argélia), Mia Couto (Moçambique), Chimamanda Adichie (Nigéria), Ngugi Wa Thing'o (Quênia), Uzodinma Iweala (Nigéria), Meja Mwangi (Quênia), entre outros, trataram os processos violentos das guerras de libertação nacional e também das guerras civis que seguiram a descolonização.

Diante de contextos políticos em crise constante, durante o processo de descolonização da África, inúmeros grupos insurgentes que lutaram contra o domínio colonial defrontaram-se posteriormente com exércitos nacionais pelo controle administrativo dos países, o MPLA em Angola, os Mau-Mau no Quênia ou a Frente de Libertação Nacional (FLN) na Argélia são exemplos históricos dos grupos bélicos que

dominaram o cenário pós-colonial, com suporte armamentista de nações internacionais como Rússia, China e Estados Unidos.

Em seguida, pode-se mencionar Scholastique Mukasonga (Ruanda), Boubacar Boris Diop (Senegal) e Gael Faye (Burundi) que exploraram o grande genocídio de Ruanda em 1994, a fim de descrever um dos conflitos étnicos mais impactantes da história recente da África. Embora a questão racial tenha sido amplamente descrita em grande parte da literatura pós-colonial, muitas vezes o confronto colonizador/colonizado ganhou centralidade nas narrativas. Assim, autores sul-africanos como Nadine Gordimer, Damon Galgut e J.M. Coetzee exploraram com mais insistência o *apartheid*, como modelo de segregação racial praticado no país por décadas para discutir as consequências contemporâneas do racismo e da discriminação institucionalizada. Por fim, os dilemas entre as práticas tradicionais dos povos africanos em choque com as transformações da modernidade, principalmente em termos de religiosidades e a violência de gênero, moldam mais amplamente a literatura contemporânea. Buchi Emecheta, Chimamanda Adichie, Chigozie Obiama, e Ayobami Adebayo, da Nigéria; Paulina Chiziane e Mia Couto, em Moçambique, chamaram a atenção do mercado internacional ao discutirem o papel das mulheres nas sociedades africanas, com delineamentos narrativos que materializam os debates entre tradição cultural e modernização.

A defesa crítica de um macrossistema pós-colonial para pensar a literatura africana se baseia em um posicionamento teórico que pode ser compreendido, a partir de sua natureza generalista e homogeneizante, ao desconsiderar a história particular de cada nação africana de maneira isolada. Contudo, refere-se intencionalmente a uma abordagem comparada que tem analisado a produção ficcional africana, por meio de unidades estéticas e estruturais que se coadunam numa simetria estável correspondente a um macrossistema. Portanto, ao equalizar o termo sistema literário com a produção literária de um país, pode-se produzir um isolamento infértil para as propostas de fortalecimento e expansão da literatura africana. Mas concebê-lo, enquanto um macrossistema da ficção pós-colonial da África, poderá gerar um conjunto de obras extremamente dialógicas entre si e efetivas em termos narrativos e estéticos.

Conclusão

A transposição de conceitos para diferentes espaços estéticos pode produzir certo desconforto aos teóricos da literatura e outras artes, exatamente, pela característica contextual da elaboração teórica. No caso da literatura africana, a utilização do termo “sistema literário” para referir-se aos países isoladamente tem sido recebido positivamente pela crítica literária, sem muito alarde. Entretanto, ao aprofundar-se nas definições de sistema literário propostas por Antonio Candido para descrever o cenário nacional de formação e consolidação da literatura brasileira, surgem questões relativamente problemáticas, principalmente quando pensamos na recepção das obras e público consumidor. Na experiência das literaturas africanas de língua portuguesa, a recepção da produção ficcional de Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau se dá mais pelos países parceiros como Brasil e Portugal do que propriamente pelo mercado local. Dessa forma, a tríade de Antonio Candido se desintegra se considerarmos cada item como indispensável para se consolidar o sistema literário de um país.

Em seguida, Abdala Junior reforça seu conceito de ecologia cultural para pensar as literaturas de Angola e Moçambique, a partir de um princípio de solidariedade baseada no idioma de escrita literária para o fortalecimento de um macrossistema de interação entre Brasil, Portugal e os países lusófonos da África. E novamente, o conceito de macrossistema se torna insuficiente para se conceber a literatura africana em sua complexidade geopolítica, pois, a Nigéria, berço da população iorubá, possui laços culturais muito mais fortes com o Brasil em termos étnicos, linguísticos e religiosos do que Moçambique, por exemplo, e quase nenhuma relação com países anglófonos como Canadá ou Austrália, a não ser a experiência colonial caracterizada por diferentes objetivos de ocupação e/ou exploração. Somente as línguas portuguesa, francesa ou inglesa, como fio condutor das interações parecem ser uma posição injusta, devido à história econômica do colonialismo e da escravização dos povos africanos.

Por isso, parece-nos mais adequado atualmente observar a literatura africana a partir de suas marcas históricas mais genéricas e que contribuem na constituição de um macrossistema, uma vez que a estratégia de construção do discurso literário pós-colonial permitiu a justaposição de grupos sociais que se encontram em diferentes condições em termos de produção, divulgação e consumo de obras ficcionais. As condições históricas de guerras e ditaduras, níveis de alfabetização, domínio escolar de

línguas europeias e o desenvolvimento econômico dos países africanos fizeram com que as diferenças de condições sejam muito significativas para se pensar isoladamente o mercado literário no continente.

Desse modo, a concepção analítica de um macrossistema para compreender a literatura africana ecoa mais adequada, principalmente quando observamos que a principal estratégia modernista no século XX, na África, foi a adoção dos mecanismos pós-coloniais de narrar, ou seja, o fortalecimento da visão africana sobre a sua própria história, política e sociedade por meio da desconstrução do aparato colonial na cultura de seus povos. Os denominadores comuns que caracterizam um sistema podem ser percebidos globalmente no macrossistema africano absolutamente consolidado. Além disso, deve-se assentir que a literatura pós-colonial retroalimenta esse macrossistema estético, uma vez que a estratégia decolonial se tornou o mecanismo mais potente do modernismo africano e da literatura contemporânea.

Referências

- ABDALA JUNIOR, B. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 2007.
- ABDALA JUNIOR, B. *De vôos e Ilhas: Literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ABDALA JUNIOR, B. Literatura, história e política: reflexões sobre um percurso crítico. *Revista Crioula*, nº 17, Jun. 2016. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/crioula/article/view/112527/114567>> Acesso em 17 Jun. 2025.
- BARBOSA, Muryatan S. *A razão africana*. São Paulo: Todavia, 2020.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ouro Azul, 2010.
- CHAVES, R. *A formação do romance angolano: entre intenções e gestos*. São Paulo: FBLP, 1999.
- GIKANDI, Simon. Um grão de trigo: introdução. In: NGUGI, Wa Thing'o. *Um grão de trigo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- PRAKASH, Vikramaditya; CASCIATO, Maristella; COSLETT, Daniel. Global Modernism and the postcolonial. In: PRAKASH, Vikramaditya et al. *Rethinking global modernism*. London: Routledge, 2021.

SILVA, Carlos. O macrosistema literário de língua portuguesa e as intercorrências com a literatura brasileira. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistaeducplings/article/view/6335> Acesso em 20 Jun. 2025.

Recebido em 26/10/2025

Aceito em 28/12/2025